Iscoe, Ira; Bloom, Bernard L. & Spielberger, Charles D. *Community psychology in transition.* New York, John Wiley & Sons, 1977. 353p.

O livro descreve os procedimentos e trabalhos apresentados na Conferência Nacional sobre Treinamento em Psicologia Comunitária, realizada em Austin, Texas, em 1975, sob o patrocínio da Divisão de Psicologia Comunitária da American Psychological Association.

O desenvolvimento histórico da psicologia comunitária, analisado nos capítulos iniciais, relaciona o seu surgimento às tendências atuais da Psicologia: a) transferência da concepção dos problemas humanos em termos intrapsiquicos para sociais; b) substituição do trabalho em âmbito individual, envolvendo modificação de pessoas, pela atuação em âmbito social, centralizada na modificação da comunidade. Para atingir tais objetivos renovadores, urge a introdução de modificações substanciais na formação dos profissionais de Psicologia que atuarão em âmbito comunitário.

Spielberger conceitua a psicologia comunitária como uma nova fronteira no estudo do comportamento humano, predominantemente preocupada com a classificação do complexo inter-relacionamento entre indivíduos e seus ambientes. Aponta como marco histórico, no desenvolvimento da psicologia comunitária, o

Congresso Nacional de Psicologia e Saúde Mental, realizado em 1956 na Universidade de Stanford, que recomendou renovação na formação dos profissionais de saúde mental, utilização ampla de ambientes terapêuticos e predominância da intervenção preventiva. Questionou-se a adequação futura para solução dos problemas humanos e sociais de tratamentos baseados em relação diádica.

Em 1966, na Conferência de Greystone, já se preconizava: a) ampliação dos serviços de saúde mental oferecidos direta ou indiretamente, mediante o desenvolvimento de lideranças comunitárias; b) transferência do tratamento de doenças mentais dos hospitais para a comunidade.

Nessa mesma ocasião, foi proposta a substituição do termo saúde mental comunitária por psicologia comunitária e do modelo médico essencialmente curativo pelo desenvolvimentista, multidisciplinar.

A psicologia comunitária, segundo Iscoe e Bloom, emergiu do próprio *Zeitgest* e das necessidades de atendimento mais eficiente dos problemas atuais, tais como: a disseminação das drogas psicoativas, o aumento da violência, os movimentos de contestação e de contracultura e, sobretudo, o reconhecimento de atendimento das necessidades de saúde mental das classes sócio-econômicas desfavorecidas e das minorias étnicas.

Nos capítulos referentes à ideologia da psicologia comunitária, focaliza-se a necessidade de aceitação e de desenvolvimento de programas para leigos e paraprofissionais, a mudança de perspectiva da estrutura individual para a social, a compreensão da comunidade como núcleo desencadeante de problemas humanos e sua utilização como fonte de superação. A posição filosófica predominante preconiza a substituição do ego, do id e do superego pela filosofia da eliminação das desigualdades no atendimento psicológico dos seres humanos.

Os modelos de treinamento em vigor abragem: 1. comunidade clínica; 2. comunidade clínica e saúde mental comunitária. Ambos são considerados excessivamente clínicos, embora o papel do psicólogo seja comparado com o de planejador e consultor; 3. desenvolvimento comunitário e sistemas, com ênfase no aperfeiçoamento da qualidade de vida e na interdisciplinaridade do trabalho; 4. sistemas intervencionistas preventivos, que preconizam a utilização do leigo; 5. modelos de mudança social, que visam mudar instituições e sociedade e ressaltam a interdisciplinaridade e a necessidade de influir na política e na legislação; 6. sistemas de ecologia social e de modelos ambientais, que se fundamentam no levantamento e na interação das forças ambientais; 7. psicologia social aplicada e sistemas de psicologia urbana, que ressaltam os fatores externos que agem sobre as pessoas e a promoção de mudanças sociais.

A interdisciplinaridade caracteriza o conteúdo curricular desse novo profissional da Psicologia. Entre as disciplinas são incluídas: epidemiologia, economia, ciência política, planejamento urbano, organização comunitária, administração pública, ecologia, teoria de sistemas, noções de direitos e outras.

As instituições em que atuam os psicólogos comunitários abrangem agências de planejamento urbano, sistema judiciário, serviços previdenciários, sindicatos, instituições públicas de caráter administrativo, além do mercado de trabalho tradicional.

São analisados alguns problemas na área da psicologia comunitária. A multiplicidade e diversidade dos fenômenos que constituem o campo de atuação do psicólogo comunitário, campo esse que engloba o desenvolvimento social e individual, conflitos e desvios, discriminação e negligência, dor e aflição, dificulta uma ação em profundidade. A própria indefinição da natureza da psicologia comunitária ainda em busca de um consenso conceitual desencadeia certa ambigüidade no papel do psicólogo comunitário e encoraja a continuidade do modelo clínico tradicional. O excesso de profissionalismo predominante não permite um mais pleno aproveitamento de paraprofissionais e dos recursos humanos da comunidade. O conceito de ajuda, em termos comunitários, ainda é considerado como restrito e interdependente de uma mais clara conceituação de desenvolvimento, de prevenção e de seus parâmetros.

A obra em questão apresenta uma visão crítica e real da psicologia comunitária na atualidade. Demonstra claramente que a nova área tem sido produtiva e corajosa no seu ímpeto renovador, sofrendo, porém, as crises próprias do processo de crescimento acelerado em que se encontra.

RUTH SCHEEFFER